

A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUCCÃO
SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

ALBANO COELHO | PUBLICA-SE AOS DOMINGOS | D. C. SOTTO MAYOR

A MUSICA EM PORTUGAL

ENSAIO HISTORICO

II

A O declinar do seculo IV da era christã Santo Ambrozio, Bispo de Milão, introduzia na sua egreja o canto ecclesiastico do Oriente, ao qual adaptara as palavras latinas dos officios divinos. Elle conservara os quatro *modos* usados na musica grega, e que nada tinham de commum com os modos *maior* e *menor*, empregados na musica moderna; antes offereciam alguma relação com os nossos tons ou *tonicas*. Cada modo tinha um rythmo particular, que lhe dava um caracter mais ou menos grave e apaixonado. A notação fazia-se por meio das letras do alphabeto, e não se conheciam outros valores além de *longas*, *breves* e *medias*. As pausas eram de duas espécies: uma chamada *prothesis*—pausa longa; outra *lema*—pausa breve.

D'aqui tirou Santo Ambrozio os primeiros elementos do canto ecclesiastico (1).

O santo Bispo de Milão adoptou tambem o canto a dois chòros já conhecido no Oriente.

A tradição attribue-lhe igualmente o *Te-Deum*, esse canto solemne que ainda hoje se usa em toda a Egreja (2). Mas passados quasi dous seculos as successivas invasões dos barbaros haviam por tal modo desfigurado a obra de Santo Ambrozio, que o Papa S. Gregorio o Grande (593) se viu obrigado a emprehender uma nova reforma na musica da Egreja. Esta reforma operou-se por meio de escolas, que o grande Pontifice pessoalmente dirigia.

Colligiu tudo o que se devia cantar nos officios divinos em um grande volume, que se chamou *Antiphonario*.

As notas empregadas no canto gregoriano eram de igual *prolação* ou duração, como no canto-chão moderno, que n'aquelle teve a sua origem; e n'isto differia do *ambrosiano*, cujas notas eram de duração desigual (3).

«Esta melodia magestosa, diz Cesar Cantu, na qual nos foram conservados preciosos restos da antiga musica dos Gregos, augmentou o esplendor do culto divino.»

Foi n'esse grande e activo laboratorio da civilização christã, chamado *idade-media*, que teve seu principio o systema musical moderno.

Corria o seculo XI quando um monge da ordem de S. Bento, chamado Guido de Arezzo ou *Aretino*, inventou, ou pelo menos aperfeiçoou e simplificou a escalla, reduzindo a systema todas as tentativas anteriormente feitas. A invenção do Aretino significa um passo immenso no progresso da arte; mas não foi este o unico d'aquelle seculo.

O mesmo Aretino substituiu, em a notação musical, as letras do alphabeto, uns pontos collocados sobre as linhas, cujo numero reduziu a 6, e depois a 4.

Foi ainda durante o seculo XI que se fixou o rythmo moderno, innovação devida á necessidade de regular a marcha simultanea das vozes e do acompanhamento do órgão, magnífico instrumento conhecido no Oriente desde tempos antiquissimos (4), importado para a Europa no seculo VI, mas que só depois do anno de 840 fôra geralmente admittido em nossas cathedraes. *Francus*, de Colonia, inventou, em 1066, os signaes da divisão dos tempos musicæes, parte importante da arte, que elle desinvolveu em um livro intitulado *Ars cantus mensurabilis*.

Desde o seculo XI até ao XIV a musica fez ainda alguns progressos importantes. De como ella era cultivada em Portugal pouquissimas noticias temos, podendo apenas socorrer-nos quasi que só a conjecturas e a inducções do que então se passava no resto da Europa, afim de formarmos o nosso juizo sobre esta parte do assumpto, de que nos vamos occupando.

(Continúa).

D. M. S.

(4) Os antigos conheceram duas especies de órgão: o *pneumatico*, que tocava por meio do ar, e o *hydraulico*, pela acção da agua. Este ultimo dizem que fôra inventado por Archimedes, e aperfeiçoado por Ctesibio e por Hyeron, seu discipulo. O órgão de Hyeron parece ter consistido n'uma caixa, sobre a qual estavam plantados alguns tubos. N'estes se introduzia a agua, que substituindo-se ao ar, o expellia pelos tubos fazendo-os soar. Do órgão de Ctesibio, posto que descripto por Vitruvio, não se póde fazer uma idéa clara; e uma tentativa feita no seculo passado para reproduzir este instrumento, não deu resultado satisfactorio. Era a agua que fazia mover um folle, ou era ella mesma o agente do som? Esta questão não tem podido ser illucidada. Quanto ao órgão pneumático, é certo que foi muito usado em Roma, já desde o tempo de Nero; e mais tarde affirmava Ammiano Marcelino que este instrumento apparecia em todas as bibliothecas dos palácios.—Leon Pillaut, *Instrumenta et Musiciens*—pag. 108.—A Biblia fallá-nos em um instrumento chamado em hebraico *hugab* ou *hag-qab*, que a Vulgata traduz por *orgão* (organum). Mas segundo a justa observação de D. Calmet, não se deve imaginar uma construção semelhante á dos órgãos actuaes. Elle não passava de um conjunto de tubos colligidos entre si, o que se faziam soar correndo-os successivamente pelos labios. Era propriamente a flauta pastoril, flauta de *Eua*, ou um instrumento analogo. Vid. *Introduction hist. et critique aux livres de l'Antien et du Nouveau Testament*, par I. B. Glaire, tom. II, pag. 163.

(1) A. Cap. *Hist. de la musique*.

(2) Dutcas, *Hist. univ. de l'Eglise*, tom. I, pag. 501.

(3) I. Mozg, *Hist. Eccles.*, tom. I—§ 133.

SONHOS DE CAMÕES [1]

Ao sr. João de Deus

I

MINHA loira Natercia! muito pranto
 «Eu derramei em noites de amargura,
 «Scismando em ti, ó meu celeste encanto!
 «Minha estrella gentil! minha ventura!

«Tu me inspiraste sempre todo o canto
 «Cheio de amor, de gloria e de doçura!
 «Que dedilhei na minha lyra, emquanto
 «Soffri no triste exílio a desventura.

«Depois de tantas noites mal dormidas
 «Depois de tantas lagrimas vertidas
 «Eis terminada a minha dôr suprema!»

E Camões, a sonhar, imaginava
 Ter Natercia em seus braços; e apertava
 Com força, ao peito, o Immortal Poema.

II

«Se queres, ó Natercia, altos primores,
 «Uns palacios bem lindos e doirados
 «E jardins opulentos onde as flores
 «Conservem sempre os ares perfumados.

«Se queres, casto amor dos meus amores,
 «Velhos bosques, sombrios, dilatados;
 «Doços fontes de limpidos licores;
 «Grandes lagos serenos e nevados.

«Se queres um riquissimo thesouro
 «Cheio de rosas, perolas e ouro
 «Dá-me, Natercia, um só dos risos teus!»

Soghava assim Camões emquanto o jau
 Affrontando um destino escuro e mau
 Pedia esmola pelo amor de Deus.

Nuno Rangel.

PAISAGEM

(AO MEU VELHO AMIGO, DR. SANTOS MELLO)

Um barco voga ao largo. As ondas, uma a uma,
 Na doce languidez das aguas em remanso,
 Espalham brandamente alvos lençoes d'espuma.
 Vae nublada a manhã. Os rouxinoes, de manso,

Passeiam, joviaes, por entre os arvoredos,
 Cantando variações excentricas, gaiatas.
 De braço dado, no ar, as virações pacatas
 Dizem-se mutuamente uns murmuros segredos.

Dispersas pela praia, em bandos, semi-núas,
 Saltitam doidamente as loiras creancinhas:
 —Uns colibris em fralda—Ao longe, duas a duas,
 Vem pela estrada fóra alegres pastorinhas,

[1] Do elegante volume de versos—*Momentaneas*—que acaba de sair à luz. Tem versos lindissimos. Preço, 300 reis. Pedidos ao auctor, Miragoin, 37—Porto.

Abraçadas, a traz das ovelhinhas mansas.
 Cabritos juveniz—travessos saltimbancos—
 Cabriolam á frente em desbragadas danças.
 Alvejam, junto á praia, alguns casebres brancos,

Que habita o pescador—rachiticas mansardas.
 Dois nedios bois, além, na relva vão pastando.
 Andam pelos tojaes insectos volitando;
 E em cima, em pleno ceu, montões de nuvens pardas.

Sabrosa—85—

Teixeira Coelho.

UM SUSTO

DESDE que uma vez D. Constança, surpre-
 hendera a filha a conversar, da janella abai-
 xo, para um *homem*, que Amelia, depois de mui-
 to apoquentada, confessou ser Fernando, um
 estudante, começou toda a familia a dormir no
 terceiro andar.

Toda a familia era: D. Constança, casada com
 o Borges, um reformado, rabugento, amparado a
 uma moleta, a que o obrigou uma balla indis-
 creta em 34, que inutilisando-lhe a articulação
 femur-tibial, lhe fazia conservar a perna esquer-
 da n'uma posição angular assás grotesca; e Ame-
 lia, uma chlorotica menina que decifrava chara-
 das, e em tempos de collegio fóra premiada pe-
 los bordados trabalhosos e muito applaudida na
 recitação do «Meunier sans souci».

Amelia dormia n'um quarto interior conti-
 guo ao dos paes, d'uma só janella, que dava
 para o saguão.

Este namoro perturbou bastante a paz d'a-
 quella familia e foi causa ao principio, de gran-
 des descomposturas á pobre Amelia.

O plano dos paes era outro.

As vezes, no fim do jantar, depois d'Amelia
 se erguer, ficavam os dois muito tempo conver-
 sando largamente no futuro da filha.

—Se aquella babosa se dedicasse ao Ar-
 thur, que lhe conhece as faltas... Mas qual? só o
 bollas do tal studantorio é que a embeíça.

—Deixa estar, isto são creanças, tem os
 olhos fechados...

—Mas que vejam o que lhes é util, com um
 raio de diabos. Eu não tive quem me ensinasse
 e estou aqui—dizia o Borges com voz de trovão,
 dando murros no oleado xadrez da mesa de
 jantar.

—Socega, aquillo ha-de acabar; elle já não
 anda por ahí; e depois a pequena, coitada... que
 eu hontem sempre lhe disse coisas... olha que
 até chorou!

O Borges não o ouvia. Estava fazendo pla-
 nos.

—Então—disse elle ao cabo d'algum silen-
 cio—sempre te digo, que depois não me impor-
 tava morrer. Olha, o Arthur, d'aqui a 5 ou 6
 annos deve sahir tenente: são 30:000 reis; de dar
 lições, com mais alguma coisa que eu lhes dê,
 viverem perfeitamente. E depois deixal-os lá. Nós
 dois vivemos bem em toda a parte, não é assim
 minha velha?

—E? é—respondia a mulher—e uma lagrima
 corria sinuosamente pela face enrugada.

—Deixemo-nos de tretas, anda, vamos d'ahi até lá baixo.

E lá iam até á sala, fazendo a lacrimosa D. Constança, uma festa ao papagaio imbecil, que estava no corredor.

×

As noites passavam-nas inquietas, suspeitando mil perigos, acordando ao menor ruido.

Uma noite o major acordou sobresaltado, a um barulho que vinha lá debaixo da sala de jantar.

Vestiu o esverdeado capote militar, foi buscar a um canto a sua grossa bengala de canna da India, chamou o Joaquim, antigo camarada, que dormia no forrinho, e foram os dois ao quarto d'Amelia que dormia; desceram á sala de visitas, depois ao quarto de jantar, e quando entraram na cosinha, viram, no chão, ao lado dos cacos d'uma terrina, os restos d'umas postas de peixe frito.

—Foram os gatos, raios os partam—disse o Borges com rancor, ferindo lume com o ferrão da bengala no lageado da cosinha.

E foi-se deitar muito enraivecido, tiritando de frio.

Comtudo as suas suspeitas, foram passando, pouco a pouco. Amelia tinha prevenido Fernando, que nunca mais voltasse sem que ella o avisasse.

D. Constança jurava ao marido, que tudo tinha acabado; este sempre duvidoso:

—Olha que elles teem mais ronha que o diabo—dizia elle piscando o olho n'uma expressão de fino.

—Estás enganado.

A verdade é que elles dormiam mais descansadamente e não pensavam já no namoro da filha.

O Borges era madrugador; habitos do regimento. Encostado á moleta, ia para o quintal com a sua japona de retina, um velho bonet de infantaria, desnumerado, cuidar das suas flores. Era um grande amador de cravos. Tinha muitas especies, caprichosamente appellidados, alguns muito pomposos outros muito falsos como, *Napoleão o Vinte* e outros mesmo aphrosiadiacos, como a *Anagua de Venus*. Gastava elle manhãs inteiras n'aquelle entretenimento.

D. Constança ia á praça, seguida do Joaquim.

Amelia na janella, fazia signaes ao Fernando, escondido n'uma loja fronteira. Fernando não tornou a passar de dia pela casa d'Amelia temendo o pae, pois tinha ouvido contar d'elle façanhas de bravura, aliás grotescas, feitas com a sua moleta **nos sudouros** d'uns adversarios—como dizia o Borges.

A' noite o major vinha cedo para casa, seguido do *Jolin*, um rafeiro que lhe tinha mandado da Terceira, um seu antigo camarada.

D. Constança cabeceava ao canto do canapé, do *banco d'encosto*, como dizia o marido. Amelia sentada á mesa, lia, a meia voz, um romance sentimental. Não tardavam a deitar-se.

Depois de estarem bem ferrados no somno, Amelia descia pé ante pé ao segundo andar, e

alli se demorava, até altas horas da noite a conversar com Fernando. Sempre que se despediam, elle renovava um antigo pedido: queria que ella viesse cá baixo ao sotão para conversarem mais proximo um do outro, que até parecia mal fallar para um segundo andar, e reparava-se mais.

Amelia respondia sempre com evasivas, mostrando a impossibilidade, dizendo o perigo a que se expunha e lembrava por ultimo o genio do pae.

Comtudo uma noite cedeu, e combinou a entrevista para o dia seguinte, lá em baixo, no sotão, a uma hora adiantada da noite.

No dia immediato á hora marcada, Fernando abriu cautelosamente a porta com a chave que Amelia lhe tinha atirado. Entrou com mil precauções; como as botas rangessem, tirou-as e atravessou o pateo.

O sotão tinha duas portas, uma para o pateo e outra muito baixa que dava para uma pequena loja onde se arrecadava a lenha. Só por esta é que elle n'essa noite podia entrar. Ao transpol-a curvou-se muito, tirou o chapéu alto, e entrou no sotão.

De chapéu e botas na mão, esperava já ha bastante tempo; o coração batia-lhe com força; teve vontade de retirar-se. De repente sentiu um barulho, escutou, e ouviu distinctamente o bater d'um pau pelas escadas abaixo. Atterrado, pensava—«é a moleta do pae que faz aquelle barulho, não tem que ver; percebeu o plano e ahi vem elle, é capaz de me matar». E sem tempo para mais, fugiu espavorido, deixando a porta aberta, e veio calçar-se ao fim da rua.

×

O barulho que fez fugir espavorido Fernando, era... era a *perna de pau*, que a infeliz Amelia usava, desde uma desastrosa queda que dera em creança.

Anthero Figueiredo.

A. G....

AMEI-TE eras creança bem linda e divinal,
Um astro refulgente, um anjo, um Deus emfim:
Teu olhar era sereno, a forma esculptural,
Jamais artista algum sonhára um rosto assim...

Mas hoje, que és p'ra mim o que é em 'stufa ardente
P'ra doida mariposa a encarcerada flôr,
Quizera, mas não posso, riscar da minha mente
Uma lembrança triste—o nosso antigo amor.

D. M. S. Mayor e Avila.

BOUQUET

(A MEU IRMÃO, C. A. TEIXEIRA COELHO)

VENHO, de flores mimosas
Offertar-te um ramilhete:
Tem folhas verdes, viçosas

Da planta do limonete;
Tambem tem mui bellas rozas
De pétalas preciosas.

No centro: alvas 'çucenas,
Perpetuas e rôxos lyrios;
Entre flores tão amenas
Não quero dar-te martyrios:
Podiam causar-te penas...
Que tu de ha muito condemnas...

Tambem traz uma saudade:
Ha tantas no meu jardim...
E' tão grande a variedade...
Que, por attenção a mim,
Exijo da tua bondade
Lhes dês a tua amizade.

O symbolico botão
De vermelha ou branca rosa,
Que em tua imaginação
Recorde imagem formosa...
Offereço-l'o, caro irmão,
P'ra o teres no coração.

Vem um suspiro, tambem,
O lindo ramo enfeitar:
Symbolisa a dor que vem
A noss'alma torturar!...
Suspiros... oh! fazem bem
A quem soffre por alguém!...

Engastei-lhe uma outra flor,
—O emblema mais eleito
Do mais puro e casto amor:
Um modesto amor-perfeito.
Até q' perfume e a côr,
São ais que dizem: amor!

Quiz o bouquet apertar
Com laço branco de neve:
Pois fica por completar
O ramo que isto não leve;
Laço que vem retratar
Nossa amisade sem par.

Sabrosa—85.

Marianna Coelho.

DESALENTO

(R. G. S.)

Oh! tardes risonhas volvidas contigo
nos dias felizes de puro candor,
contigo, que ás dores allivio me davas
com votos sinceros de eterno amor.

Porém esta vida de magoas é cheia,
a mim, só profundos desgostos me dá:
quem sabe o que a sorte mesquinha, insondavel,
talvez para o futuro p'ra mim guardará?...

E esses momentos que junctos vivemos
unidos com laços de pura amisade,
passaram ligeiros qual luz do relampago,
e d'elles só resta profunda saudade.

Esperança fagueira que volva esse tempo,
já sei que não posso no peito affagar;
e os breves momentos que espero de vida
serão p'ra mim horas d'acerbo penar.

D. Carlos Sotto Mayor.

RIMA

(IMITAÇÃO DO HESPAÑHOL)

Voando de frança em frança,
Voando de flor em flor,
Como vóa a minha esperança
De um amor em outro amor;

Consomme a gazella a vida
Até que finda sua sorte,
Como a minha esperança q'rida
Finda nos braços da morte.

Braga, 85

Albano Coelho.

CALINADAS

Entre casados:

—Era o que faltava. Se nos batia agora á
porta o cholera...

—Homem, não será mau ir-nos prevenindo.

—Com que?

—Sei lá! Andam para ahí a fallar em cor-
dão sanitario... talvez...

—Tens rasão: vou já comprar dez reis d'elle...

×

Mamã e bebé:

—De quem és mais amiguinho: de mim ou
do papá?

—Da mamã. O papá só dá beijos e chama
filha á costureira...

×

No posto medico da rua de S. João:

—Caldas sobre caldas: é o unico remedio
que conheço contra o rheumatismo nas pernas.

—O unico?

—O unico, affirmo-lh'o.

—Pois, snr. doutor, eu tenho um compadre
que tinha muitas dores nas pernas e passaram-
lhe... depois que as quebrou n'uma queda!...

CHARADAS

EM VERSO

Eu sou para a harmonia indispensavel—1
Mesmo sendo um animal de voz bem feia—2
Oh! Como é lindo vel-o entre verdura
Fugir brincando sobre a branca areia.

NOVISSIMAS

1—E' rumo, é vestido na chimica. 1—2
2—No fato, este animal é vestido 2—1.

Decifração da charada em verso do numero
antecedente:—*Meta-de.* Das novissimas: 1—*Para-
bem:* 2—*Jineta-rio;* 3—*Cara-pinha-da.*